

Uso de *perca* e *perda* pelos falantes do Português em Moçambique

Bonete Júlio João Chaha *

 <https://orcid.org/0000-0002-1430-6743>

Resumo: Este artigo tem como propósito compreender as razões do uso de *perca* em detrimento de *perda*, percorrendo os Livros Didáticos e as Gramáticas de Língua Portuguesa para melhor compreensão do fenómeno. Como se sabe, as palavras parónimas apresentam-se parecidas na grafia e diferentes no sentido, por esta razão os falantes têm dificuldade de distingui-las umas das outras. Neste estudo, a metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória e bibliográfica, sendo um estudo de cunho qualitativo, com suporte da técnica de consulta bibliográfica e uso da entrevista semi-estruturada como instrumento de colecta de dados, com a participação de 60 estudantes de nível académico de 9ª classe, da Escola Privada Bons Sonhos, na cidade da Beira. O estudo permitiu verificar que são várias as razões de uso de *perca* em detrimento de *perda* pelos falantes do Português em Moçambique, destacando-se a falta de LD's com exemplos e exercícios claros e contextualizados; a não incorporação de conteúdos sobre as palavras parónimas nos Programas de Ensino e nos seus respectivos LD's de Língua Portuguesa; o desleixo na projeção, concepção e implementação do Currículo de Ensino em Moçambique e a fraca leitura, e particularmente, o não hábito de leitura de Gramáticas e Dicionário de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Semântica; Livros Didáticos; Perca e Perda.

Use of *lose* and *loss* by Portuguese speakers in Mozambique

Abstract: This article aims to understand the reasons for the use of *lose* in disadvantage of *loss*, going through the Textbooks and Portuguese Language Grammars for a better understanding of the phenomenon. As is known, paronyms words are similar in spelling and different in meaning, this is why speakers have difficulty distinguishing them from each other. In this study, the methodology used was exploratory and bibliographical research, being a qualitative study, with the support of bibliographic consultation technique and use of the semi-structured interview as a data collection instrument, with the participation of 60 students of grade 9th academic level, from Escola Privada Bons Sonhos, in the city of Beira. The study made it possible to verify that there are several reasons for the use of *lose* in disadvantage of *loss* by Portuguese speakers in Mozambique, highlighting the lack of textbooks with clear and contextualized examples and exercises; the non-incorporation of content about the paronymous words in the Teaching Programs and in their respective Portuguese Language Textbooks; the sloppiness in the design, conception and implementation of the Teaching Curriculum in Mozambique and the poor reading, and particularly, the non-reading habit of Portuguese Language Grammars and Dictionary.

Keywords: Semantics; Textbooks; Lose and Loss.

Kushandiswa *Kwekurasikirwa* uye *Kurasikirwa* neVatauri vechiPutukezi muMozambique

Abstract: Chinangwa chechinyorwa ichi ndechekunzwisisa zvikonzero zvekushandiswa kweperch mukukuvadza *kwekurasikirwa*, *kuburikidza* neMabhuku eMabhuku uye Grammars yePutukezi Mutauro kuti unzwisisa zviru nani chitiko chacho. Sezvinovizivikanwa, paronyms mashoko

* Graduado em Ensino do Português com Habilitações em Ensino de Inglês pela Universidade Licungo - Extensão da Beira | Formador no Instituto Médio Politécnico de Moçambique - Chimoio

akafanana muchiperengo uye akasiyana mune zvinoreva, nekuda kweichi chikonzero vatauri vanonetseka kuasiyanisa kubva kune mumwe nemumwe. Muchidzidzo ichi, nzira yakashandiswa yakanga iri yekuongorora uye tsvakiridzo yebhaibheri, iri chidzidzo chehunhu, nerutsigiro rwehunyanzvi hwekubvunzurudza bhaibheri nekushandiswa kwemubvunzurudzo wakasarudzika semudzidzi makumi matanhatu vechikamu chedzidzo 9th giredhi, kubva kuEscola Privada Bons Sonhos, muguta reBeira. Chidzidzo ichi chakatibvumira kuona kuti pane zvikonzero zvakati kuti nei vatauri. Chidzidzo chacho chakaita kuti zvikwanise kuona kuti kune zvikonzero zvakawanda zvekushandiswa kwekurasikirwa mukurasikirwa kwekurasikirwa nevatauriri vechiPutukuzi muMozambique, vachiratidza kushayikwa kwemabhuku ezvinyorwa nemienzaniso yakajeka uye yakarongeka uye maitiro; kusabatanidzwa kwemukati pamusoro pemazwi asingazivikanwe muZviringwa zveKudzidzisa uye mumabhuku avo.

Keywords: Semantics; Mabhuku ekuchikoro; Kurasikirwa uye Kurasikirwa.

1. Introdução

A Língua portuguesa, como outras línguas, é carregada de particularidades que fazem dela diferente das outras. Essas particularidades apresentadas pelas classes de palavras, muitas vezes não compreendidas pelos falantes, quer seja nativo, quer seja estrangeiro, mostram-se confundíveis ortográfica e semanticamente, ou seja, palavras usadas umas em detrimento de outras, como é o caso de “perca” e “perda”.

Este facto verifica-se, nas artérias das cidades moçambicanas, em particular, na Cidade da Beira, Província de Sofala, em conversações de cidadãos, em reportagens televisivas, a palavra “perca” sendo usada em detrimento da palavra “perda”, onde a primeira é forma verbal no modo conjuntivo e/ou imperativo, e a segunda é nome/substantivo, ambas originadas do verbo irregular “perder” (assunto a ser abordado mais adiante, nas próximas páginas). Tem-se, como exemplo, a seguinte frase¹:

a. Se eu soubesse que o embate entre o Costa de Sol e o Ferroviário da Beira seria enfadonho, não iria ao Estádio, pois foi uma perca de tempo. [=perda]

Nesse contexto, nota-se, do exemplo acima, que a palavra em destaque é forma verbal do verbo “perder” no presente do modo conjuntivo sendo usada em detrimento da palavra “perda”, nominalização do verbo em questão, mostrando, dessa forma, arbitrariedade e erro de escolha lexical. Assim, em face da descrição, chega-se ao seguinte questionamento: *quais as razões do uso de perca em detrimento de perda?* O desenvolvimento do tema em abordagem surge depois de várias vezes ter ouvido nas ruas da cidade acima mencionada, nos falares da comunidade, o uso de uma palavra em detrimento de outra, neste caso, da palavra *perca* em detrimento de *perda*, tendo o fenómeno despertado atenção e interesse para a sua abordagem.

¹ Esta frase foi captada numa conversa oral de cidadãos, após assistirem a uma partida de futebol no Caldeirão do Chiveve, na cidade da Beira.

A questão é bastante complexa, tanto que suscita interesse na sua exposição nas entrelinhas deste artigo, com o intuito de compreender o que está por detrás desta problemática. Como se sabe, as palavras *perca* e *perda* pertencem à classes de palavras distintas, sendo que a primeira à classe dos verbos, e a segunda à dos nomes/substantivos, logo o seu uso não pode ser arbitrário, embora sejam derivadas do mesmo verbo.

A abordagem deste tema é pertinente para a comunidade acadêmica, para a sociedade envolvida e para o âmbito pessoal, como pesquisador da área, pois expõe um fenómeno de desvio linguístico não abordado em Moçambique, constituindo, assim, novidade e contributo para a ciência no contexto da sua abordagem. E, para a sociedade, a pesquisa imprime uma dinâmica na reflexão de uso dessas palavras pelos moçambicanos, em particular, na cidade da Beira.

Pessoalmente, a abordagem deste tema assenta nos interesses pessoais, que interagem com o exercício da atividade profissional do pesquisador, constituindo, desta forma, um ganho, à medida que se partilha conhecimento com os outros, partindo do pressuposto de que conhecimento não partilhado não serve para nada. Nesse contexto, o presente artigo procura compreender as razões do uso de “perca” em detrimento de “perda”, através de uma consulta sobre a abordagem das palavras em alusão nos Livros Didáticos (doravante LD's ou LD) e com suporte de Gramáticas para melhor compreensão do fenómeno em estudo.

Portanto, estruturalmente, este artigo está dividido em sete (7) secções, a saber: Introdução, na qual se contextualiza o tema, situando o leitor sobre o problema, a justificativa e a relevância do estudo; Semântica, onde se traz à superfície os preceitos gramaticais sobre o conceito de Semântica, com vista a dar um pontapé de saída para a discussão do assunto em alusão; Palavras Parónimas, secção reservada ao tratamento, ou melhor, abordagem das palavras parónimas, que constituem o pano de fundo deste artigo, percorrendo também os LD's para colectar exemplos que serviram de sustento para o estudo; Verbos irregulares, secção reservada ao tratamento dos verbos irregulares e do modo verbal, isto é, o conjuntivo; Metodologia, em que são explanados os métodos que serviram de pivôs para a realização do estudo; Apresentação e discussão de resultados, onde são apresentados e discutidos os resultados da investigação; e as Considerações finais, secção reservada à análise dos factos constatados ao longo do estudo.

2. Semântica: introduzindo a questão das parónimas

Com o intuito de compreender os aspectos divergentes e o significado das palavras em estudo (*perca* e *perda*), vale, em primeiro lugar, fazer uma breve abordagem sobre Semântica, como ponto de partida para discussão. Nesse contexto, Ferrarezi Jr. (2008, p. 24) define Semântica como “a subdivisão da Linguística que desenvolve seus estudos – das manifestações linguísticas do significado, ou seja, dos sentidos – tomando como base a seguinte concepção geral: uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos.”

Para Bechara (2009), Semântica é “o estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido por que estes mesmos vocábulos passam.” Ainda, o autor explica que “por motivos variadíssimos o sentido ultrapassa os limites de sua primitiva “esfera semântica” e assume valores novos”. Esta explicação é consubstanciada por Ferrarezi Jr. (2008), quando diz que “o contexto influencia na definição do significado, já que os vocábulos não têm sentido próprio”. Na mesma senda, Pinto & Lopes (2003, p. 209) definem Semântica como “a parte da Gramática que estuda o significado das palavras e as modificações de sentido que elas vão sofrendo através do tempo e do espaço (= as regiões onde são faladas).”

Desta feita, em virtude das concepções acima, nota-se que, tanto para Bechara (2009) como para Pinto & Lopes (2003), o conceito de Semântica é contextual, pois as palavras assumem sentido de acordo com a visão de mundo da comunidade que as usa, por isso Bechara (2009), mais uma vez, explica que “a significação dos vocábulos está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta, por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros.”

Dessa forma, do ponto de vista conceitual, entende-se por Semântica o estudo de sentido e das modificações das palavras, das frases emitidas pelos falantes num determinado contexto. Por isso, é através dessas modificações que as palavras, como afirma Bechara (2009), “assumem valores novos”, permitindo, assim, classifica-las quanto à relação. Relativamente à classificação das palavras quanto à relação, Pinto & Lopes (2003) explicam que as palavras podem relacionar-se fonética, gráfica e semanticamente. Segundo esses autores, quanto à relação fonética e gráfica, “as palavras podem ser homónimas, homógrafas, homófonas e parónimas” (Pinto & Lopes, 2003), portanto, sendo as parónimas, o pano de fundo deste artigo.

3. Palavras Parónimas: um obstáculo semântico para os falantes do Português

No entender de Pinto & Lopes (2003, p. 66), “palavras parónimas são as que têm significado diferente, mas que são muito parecidas tanto na escrita como na grafia.” Vejam-se o exemplo seguinte²:

a. A construção do túnel foi um trabalho **perfeito**.

O **prefeito** do colégio é uma pessoa muito competente.

Para Martino (2014), palavras parónimas são vocábulos que possuem som ou grafia parecidas, mas com sentidos díspares. Por sua vez, Henriques (2012) entende que as palavras parónimas são aquelas que são diferentes, mas apresentam som semelhante (descrição – de descrever e discríção – de discreto). Bechara (2009) considera palavras parónimas os vocábulos parecidos na forma e diferentes no sentido. Por exemplo: *Ractificar*: confirmar; *Rectificar*: corrigir.

Nesse contexto, percebe-se que as palavras parónimas se apresentam parecidas na grafia e diferentes no sentido. Assim, pelo facto de apresentarem grafia parecida, isto constitui um embaraço para os falantes, no contexto de seu uso, pois os falantes, muitas vezes, tem dificuldade de distinguir a palavra certa para o sentido que pretendem transmitir, levando-os ao erro de escolha lexical.

3.1 A abordagem de palavras parónimas nos LD's de Língua Portuguesa em Moçambique

Em virtude do objectivo deste estudo, é de extrema importância a apreciação qualitativa dos conceitos, exemplos e exercícios apresentados nos LD's de Língua Portuguesa para melhor compreensão do fenómeno em estudo. Nesse contexto, o LD intitulado “Aprender a Comunicar - 6ª Classe”, de autoria de Cavele; Cuta & Zimba (S/d), aborda predominantemente sobre as palavras sinónimas e antónimas, embora apresente também as palavras homónimas, homófonas, homógrafas e parónimas.

Para esses autores, as palavras parónimas são aquelas que se escrevem e lêem-se de forma semelhante, mas têm significados diferentes (CAVELE; CUTA & ZIMBA, S/d). No entanto, este LD apresenta exemplos de palavras parónimas (*para* e *pára*), como se vê no exemplo abaixo:

a. Eu vou **para** Maputo.

Pára em Maputo.

² Estes exemplos foram extraídos de Pinto & Lopes (2003, p. 66).

A partir do exemplo acima, constata-se que, na primeira frase, a palavra destacada pertence à classe das preposições, figurando movimento, direcção, assim como Cunha & Cintra (2017) explicam que esta preposição (para) “comporta um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direcção sobre a do término do movimento”(CUNHA & CINTRA, 2017, p. 587).

Na segunda frase, a palavra destacada pertence à classe dos verbos, conjugado no presente do imperativo. Contudo, os exercícios propostos ou apresentados, neste LD, são voltados para as palavras sinónimas e antónimas, como se ilustra abaixo:

1. Atenta nas frases ou expressões a seguir transcritas e substitui as palavras sublinhadas por palavras sinónimas, ou seja, por palavras de sentido equivalente.
 - a) “(...) passou a noite a velar a fiel companheira (...)”
 - b) “(...) isto aqui é covil de ladrões (...)”
 - c) “(...) uma bela manhã (...)”
 - d) “(...) a Princesa era loira (...)”
 - e) “E retirou-se, altivo, como se príncipe fosse.”
2. Agora, substitui as palavras sublinhadas nas alíneas a), c), d) e e) por outras de sentido oposto, isto é, por palavras antónimas.

Dessa forma, evidencia-se que a abordagem de palavras parónimas não tem, no LD em referência, um carácter predominante relativamente as outras palavras. Por outro lado, é possível concluir que as palavras parónimas, por apresentarem características semelhantes, tanto na escrita como na leitura, uma das razões que leva ao erro de escolha lexical no âmbito do seu uso pelos falantes do Português como Língua segunda (doravante L2), não têm primazia, no âmbito da concepção dos Programas de Enino e os seus respectivos LD's.

Na mesma sequência, o LD intitulado “Português – 8ª classe”, de autoria de Drumond & Zimba (2008), traz uma abordagem similar ao do LD acima referenciado. Este livro faz referência às palavras sinónimas, antónimas, homónimas, homófonas e homógrafas, mas não aborda sobre as palavras parónimas. Um dado interessante constatado neste LD está relacionado com o exemplo das palavras homógrafas, onde são apresentadas as palavras “para e pára”, como exemplos e, no livro anteriormente analisado, do qual um dos co-autores é também co-autor do livro já em análise, essas palavras são tratadas como parónimas, levando a conclusão de que há incoerência na classificação dessas palavras nestes dois LD's.

Outra constatação não menos importante é o facto de as palavras serem apresentadas de forma isolada, ou seja, fora de um contexto situacional. E, quando os exemplos são apresentados de forma abstracta, o domínio e a consolidação dos conteúdos pelos alunos, em particular, e pelos falantes da Língua Portuguesa, como L2, em geral, tende a ser deficitário, tanto que Ferrarezi Jr. (2008) explica que o contexto influencia na definição do significado, já que os vocábulos não têm sentido próprio.

Desta feita, estes factos conduzem à conclusão de que tanto os Programas de Ensino como os respectivos LD's usados para o ensino do Português em Moçambique, desde o ensino primário ao secundário, não preveem a abordagem de palavras parónimas, propiciando aos falantes aprendizes desta Língua a enfrentarem, de certa forma, dificuldades no emprego de uma ou de outra palavra em contextos diversificados.

Mais do que isso, verifica-se que a razão de os Programas de Ensino e os seus respectivos LD's de Língua Portuguesa não incorporarem, ou melhor, não darem relevância ao estudo ou abordagem das palavras parónimas reside no facto de, por um lado, falta de domínio de discriminação dessas palavras por parte dos autores, por outro, o Currículo de Ensino associado ao modelo do Sistema de Educação adoptado em Moçambique, que está em constante mudanças e, conseqüentemente, estas mudanças não surtem efeitos positivos no âmbito da sua implementação no Processo de Ensino-Aprendizagem.

Não obstante, associa-se a estas razões, as questões políticas educacionais do país, pois a concepção do Currículo de Ensino, em Moçambique, está sujeita à submissão a financiador externo que, de alguma forma, impõe termos e condições a serem aplicados no âmbito de projecção, concepção e implementação deste Currículo, assim não permitindo que certos conteúdos sejam incorporados nos Programas de Ensino e nos seus respectivos LD's.

4. Verbos irregulares

Falar de verbo é debruçar-se sobre uma classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz. E, essas categorias morfossintácticas fazem dos verbos a classe que, de certa forma, apresenta maior mutabilidade relativamente às outras, e é essa mutabilidade, principalmente, relacionada com as

Bonete Júlio João Chaha, Uso de *perca* e *perda* pelos falantes do Português em Moçambique categorias tempo e modo, que faz com que os falantes aprendizes do Português de diversas regiões tenham dificuldades na conjugação³.

Nesse âmbito, Figueiredo & Bizarro (2004, p. 64) definem verbos irregulares como “aqueles que sofrem modificação do radical durante a sua conjugação. Ex.: Eu dou um livro ao João. A forma *dou*, primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *dar*, não recebe a desinência normal da referida pessoa”. Neto & Infante (2008, p. 155) definem verbos irregulares como sendo “aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais e/ou nas desinências”.

E ainda, os autores chamam atenção para que não se confunda “perda” com “perca”, ao dizerem que “a palavra “perda” é um substantivo e “perca” é forma verbal no modo conjuntivo, todas elas derivadas do verbo irregular “perder”. Ex.: É possível que ele **perca** o emprego. / A **perda** do emprego levará o pobre homem ao desespero. (Neto & Infante, 2008). Por sua vez, Pinto & Lopes (2003) aludem que verbos irregulares são aqueles que o seu radical altera em toda a sua conjugação. Na óptica de Cunha & Cintra (2017), verbos irregulares são “aqueles que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar, estar, fazer, ser, pedir, ir* e vários outros”.(p. 400).

Mais uma vez, Neto & Infante (2008) explicam que “para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, é preciso que se tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes” (p. 155). Portanto, em virtude das asserções acima apresentadas, conclui-se que os verbos irregulares são os que sofrem alterações no seu radical durante a sua conjugação. E, percebe-se, assim, que essa alteração se manifesta no radical do verbo, ganhando, desse modo, uma nova forma, que se associa ao modo verbal, como é o caso de *perder* (*perca*), *dizer* (*diga*), no modo conjuntivo.

4.1 Modo verbal: o conjuntivo

No que tange aos modos verbais, Monteiro & Pessoa (1999, p. 18) referem que são “as diferentes formas que o verbo toma para indicar a atitude da pessoa que fala, em relação ao facto a que se refere. São três os modos: o indicativo, o conjuntivo, e o imperativo”.

³ Considera-se Conjugação verbal as modificações flexionais da forma do verbo. Ainda conjugar um verbo é dizê-lo, numa ordem convincente em todos os tempos, pessoas, modos, número e vozes (Monteiro & Pessoa, 1999; Figueiredo & Bizarro, 2004).

Contudo, embora existam vários modos verbais, interessa a este estudo o modo conjuntivo, devido à forma tomada pelo verbo perder (*perca*), o objecto de estudo desta pesquisa.

Nesse contexto, o modo conjuntivo é, segundo Figueiredo & Bizarro (2004), “o modo que exprime uma ação ainda não realizada, é o modo através do qual se transmite incerteza, dúvida, eventualidade ou algo irreal” (p. 60). Na mesma linha de pensamento, Monteiro & Pessoa (1999) explicam que “o modo conjuntivo exprime o fato como incerto, duvidoso, eventual ou irreal. É o modo próprio das orações dependentes de verbos que desnotam desejo, vontade, súplica, condição, proibição, ou ordem (desejar, querer, suplicar, lamentar, negar, ordenar, proibir, etc.)” (p. 14).

Por outro lado, Neto & Infante (2008, p. 190) dizem que “o modo conjuntivo é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve”. Ademais, os autores acrescentam que este modo “traduz a expressão de conteúdos emocionais (o desejo, a dúvida, a incerteza), empregando os factos e processos com a subjectividade de quem fala ou escreve” (Neto & Infante, 2008, p. 190).

Portanto, observa-se que o modo conjuntivo é usado em sentenças ou ocorrências linguísticas com uma carga semântica hipotética que, na maioria dos casos, se relacionam com desejo, suposição. Este modo, dependendo do tempo em que o verbo é conjugado, pode exprimir variadas circunstâncias, tais como: limites imprecisos, condição ou concessão, entre outras.

5. Metodologia

Para a concretização do objectivo deste artigo, o método utilizado foi o indutivo, a partir de uma pesquisa exploratória e descritiva, utilizando a entrevista semi-estruturada como instrumento de colecta de dados junto aos 60 participantes de nível académico de 9ª classe, na Escola Privada Bons Sonhos, cidade da Beira, tendo-se retirado uma amostra de 15 e codificadas com as letras alfabéticas de A à O. O estudo teve como suporte a técnica de consulta bibliográfica, visando estabelecer elo entre o pesquisador e o tema em abordagem, através de busca de preceitos e exemplos em Livros Didáticos, Gramáticas de Língua Portuguesa de autores como Pinto & Lopes (2003); Neto & Infante (2008); Bechara (2009); Henriques (2012); Martino (2014); Cunha & Cintra (2017), e outras bibliografias de autores que se debruçam sobre a temática, servindo de embasamento teórico-conceptual do estudo.

Portanto, é um estudo com uma abordagem de cunho qualitativo, que visa trazer as situações ou contextos de uso das palavras em alusão à superfície, com foco para a compreensão do fenómeno descrito.

6. Apresentação e discussão de resultados

As categorias de análise de dados desta pesquisa são deduzidas a partir de um conjunto de variáveis que foram a base da entrevista aos participantes. O roteiro de entrevista foi composto por duas (2) secções, a saber: a primeira reservada ao perfil sociolinguístico dos participantes, e a segunda reservada à conteúdos gramaticais, com perguntas e três (3) exercícios, em que o exercício 1 contemplava frases de (a) à (e), com espaços em branco a serem completados com as palavras “perca” e “perda”; o exercício 2 continha frases de (a) à (f), em que o participante tinha de marcar com (x) as frases que continham a forma incorreta do uso das palavras “perca” e “perda”, e no exercício 3, o participante tinha de construir duas frases, usando as palavras “perca” e “perda”.

Relativamente ao perfil sociolinguístico dos participantes, importa referir que os participantes, *A, B, C, D, E, I, L* e *M*, têm o português como língua materna (L1), e os participantes, *F, G, H, J, K, N* e *O*, têm as línguas *bantu* como sua L1. Portanto, estes dados levam a concluir que os alunos da Escola em referência apresentam uma diversidade linguística, e o Português é, para a maior parte, a L1. No que respeita à secção de conteúdos gramaticais, uma das perguntas feitas foi se os participantes tinham Gramática ou Dicionário de Língua Portuguesa, e os participantes, *D, E, G, H, J, K, L* e *N*, responderam “não”, e os participantes, *A, B, C, F, I, M* e *O*, responderam “sim”. No mesmo âmbito, foi questionada a frequência de leitura de Gramática e Dicionário de Língua Portuguesa, e os participantes, *D, E, G, H, J, K, L* e *N*, responderam “nunca”, os participantes, *F, M* e *O*, responderam “às vezes”, e os participantes, *A, B, C* e *I*, responderam “sempre”.

Dessa forma, estes resultados mostram que há necessidade de um trabalho árduo dos professores, no sentido de incentivar os alunos a cultivarem o gosto pela leitura de Gramática e Dicionário de Língua Portuguesa, pois verifica-se que grosso número de participantes não tem Gramática nem Dicionário, conseqüentemente não lê. Assim, este facto propicia, de certa forma, o desconhecimento das palavras e regras gramaticais do uso da língua tanto falada como escrita pelos participantes, em particular, e pela sociedade, no geral, pois sabe-se que o conhecimento das palavras e das regras do funcionamento da língua adquire-se através de leitura de Dicionário e da Gramática.

Ainda no âmbito de conteúdos gramaticais, foi questionado se os participantes já tinham ouvido falar de palavras parónimas e, os participantes, *A, B, C, I* e *M*, responderam “sim”, e os participantes, *D, E, F, G, H, J, K, L, N* e *O*, responderam “nunca”. Por outro lado, questionou-se o entendimento dos participantes sobre as palavras parónimas e pediu-se que dessem exemplo. E, a esta questão, os participantes, *L* e *M*, responderam que “palavras parónimas são aquelas parecidas” e não deram exemplo; os participantes, *A, B, C* e *I*, responderam que “são aquelas semelhantes na leitura e na escrita” e não deram exemplo; e os participantes, *D, E, F, G, H, J, K, N* e *O*, não responderam à questão.

Das respostas acima apresentadas, constata-se que o conhecimento dos participantes sobre as palavras parónimas não é consistente, pois a definição do conceito apresentado precisa de ser completado, uma vez que, segundo gramáticos, as palavras parónimas são definidas como aquelas que apresentam escrita e grafia parecidas, mas o significado diferente, assim como refere Martino (2014), palavras parónimas são vocábulos que possuem som ou grafia parecidas, mas com sentidos díspares.

Nesse contexto, o fato de maior parte de participantes não ter respondido à questão indica, por um lado, falta de conhecimento dessas palavras, e, por outro, inconsistência ou dúvida em relação a sua definição, optando, dessa forma, por não responder à questão. No que concerne ao exercício 1, estavam propostas cinco (5) alíneas, com o intuito de os participantes completarem os espaços vazios com “perca” ou “perda”, tendo em conta as frases de (a) à (e). Dessa forma, em relação à frase da alínea (a), os participantes, *A, B, C* e *I*, completaram-na correctamente com “perda”, e os participantes, *D, E, F, G, H, J, K, L, M, N* e *O*, completaram-na incorrectamente com “perca”, como se apresenta abaixo:

a) *Se eu soubesse que o embate entre os *Mambas* e o Malawi seria enfadonho, não iria ao Estádio, pois foi uma perca de tempo. [=perda]⁴

No que diz respeito à frase da alínea b), os participantes, *A, B, C, I, M* e *O*, preencheram correctamente com “perda” e outros participantes, *D, E, F, G, H, J, K, L* e *N*, completaram incorrectamente a frase com “perca”, como se ilustra abaixo:

b) *A perca diante da África do Sul desqualificou os *Mambas* para o CAN. [=perda]

⁴ Importa referir que, nas frases, as palavras que se encontram entre colchetes são as que deveriam ser usadas, considerando-se o uso correcto para as situações descritas.

Por outro lado, quanto à frase da alínea c), os participantes, *A, B, C, I* e *M*, completaram correctamente a frase com “perca”, e outros participantes, *D, E, F, G, H, J, K, L, N* e *O*, completaram incorrectamente a frase com “perda”, como se vê abaixo:

c) *Nós vamos torcer para que o Jeremias não perda as eleições Municipais. [=perca]

Relativamente à frase da alínea d), importa referir que os participantes, *A, B, C, F, I, L* e *M*, completaram correctamente com “perda”, outros participantes, *D, E, G, H, J, K* e *N*, completaram-na incorrectamente com “perca”, e o participante *O* não a completou, como se verifica abaixo:

d) *Para a perca de peso, são necessários redução alimentar e exercícios físicos. [=perda]

No que diz respeito à frase da alínea e), os participantes, *A, B, C, F, I* e *M*, preencheram correctamente com “perca”, outros participantes, *D, E, G, H, J, K* e *L*, preencheram incorrectamente com “perda”, e os participantes, *N* e *O*, não a preencheram, como segue a frase abaixo:

e) *Oh, Figueiredo, perda peso de forma saudável. [=perca]

Quanto ao exercício 2, pretendia-se que os participantes marcassem com (x) as frases que continham a forma incorrecta do uso das palavras “perca” e “perda”. E, nesse contexto, em relação ao uso de “perca” na frase da alínea a), os participantes, *A, D, E, F, G, H, K* e *N*, consideram-no correcto, os participantes, *B, C, I, L* e *M*, consideram-no incorrecto, e os participantes, *J* e *O*, não deram o seu parecer, como se ilustra a seguir:

a) () *O afastamento dos professores dá uma perca total aos alunos. [=perda]

Relativamente ao uso de “perda” na frase da alínea b), os participantes, *A, B, C* e *I*, consideram-no correcto, e os participantes, *D, E, F, G, H, J, K, L, M, N* e *O*, consideram-no incorrecto, como se mostra abaixo:

b) () A direcção da escola, os professores, os funcionários e os alunos sentem a perda da proprietária da escola.

No que respeita ao uso de “perca” na frase c), os participantes, *A, B, C, I* e *M*, consideram-no correcto, e os participantes, *D, E, F, G, H, J, K, L, N* e *O*, consideram-no incorrecto, como apresenta a seguir:

c) () Trabalhe com responsabilidade e não perca a dignidade.

No tocante ao uso de “perca” na frase da alínea d), os participantes, *A, B, C, I, L* e *M*, consideram-no incorrecto, e os participantes, *D, E, F, G, H, J, K, N* e *O*, consideram-no correcto, veja-se a frase seguinte:

d) () *Investir num projecto sem objectivos claros é uma perca de tempo e dinheiro. [=perda]

No que tange ao uso de “perda” na frase da alínea e), os participantes, A, B, C e I, consideram-no incorrecto, e os participantes, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N e O, consideram-no correcto, como ilustra a frase seguinte:

e) () *Estude muito e não perda o foco. [=perca]

Em relação ao uso de “perca” na frase da alínea f), os participantes, A, B, C, D e I, consideram-no incorrecto, e os participantes, E, F, G, H, J, K, L, M, N e O, consideram-no correcto, como se verifica na frase abaixo:

f) () *Toda a família foi assistir ao jogo, mas foi uma perca de tempo. [=perda]

Em virtude dos resultados relacionados com os exercícios acima propostos, verifica-se que, no tocante às frases das alíneas a), b), d) e a), b), d), f) dos exercícios 1 e 2, respectivamente, os participantes consideram correcto o uso de “perca”, em detrimento de “perda”. E, nas frases das alíneas c), e) e c), e) dos exercícios 1 e 2, respectivamente, os participantes consideram correcto o uso de “perda”, em substituição de “perca”. Dessa forma, estes resultados permitem aferir que os participantes não têm conhecimento sólido sobre a distinção destas palavras, confundindo-as uma com a outra, tanto que Neto & Infante (2008) chamam atenção ao uso dessas duas palavras, advertindo que não se confunda “perda” (substantivo) com “perca” (forma verbal).

Assim, nas frases, considerando-se o uso de “perca” e “perda” pelos participantes, conclui-se que estas frases são agramaticais, visto que, por um lado, se trata de duas classes de palavras distintas, onde uma é substantivo e outra é forma verbal no modo conjuntivo; por outro lado, se trata de palavras parónimas que, embora tenham escrita e grafia parecidas, não podem ser usadas uma em detrimento de outra, porque o seu sentido é diferente, assim como argumenta Bechara (2009) que palavras parónimas são os vocábulos parecidos na forma e diferentes no sentido.

Nesse contexto, o uso de uma palavra em detrimento de outra, em vários casos de ocorrências linguísticas, proporciona a incorrecção linguística, agramaticalidade, ou melhor, desvio à Norma Culta. Relativamente ao exercício 3, pretendia-se que os participantes construíssem duas (2) frases, usando “perca” e “perda”. E, nesse âmbito, quanto às frases da alínea a), os participantes, A, B, C, I, e L, construíram frases correctas, usando “perca”, os participantes, G, H, J, K, M, N e O, construíram frases

Bonete Júlio João Chaha, Uso de *perca* e *perda* pelos falantes do Português em Moçambique incorrectas, usando “perca”, e os participantes, *D*, *E* e *F*, não construíram nenhuma frase, como ilustra a frase seguinte:

a) *“Eu penso que conversar com o colega Manuel é uma perca de tempo”.
[=*perda*]

No tocante às frases da alínea b), os participantes, *A*, *B*, *C* e *I*, construíram frases correctas, usando “perda”, os participantes, *G*, *H*, *J*, *K*, *L*, *M*, *N* e *O*, construíram frases incorrectas, usando “perca”, e os participantes, *D*, *E* e *F*, não construíram nenhuma frase, como atesta a frase seguinte:

b) *“A Shakila sai cedo de casa para a escola para que não perda as aulas de piano”. [=*perca*]

De acordo os resultados do exercício 3 acima, constata-se que, em relação à frase da alínea a), por um lado, os participantes desconhecem o significado de “perda” e “perca” e o contexto situacional de uso, verificando-se, assim, arbitrariedade no uso destas duas palavras, pois sabe-se que “perca” é forma verbal e “perda” é substantivo, sendo, portanto, palavras com sentidos díspares e, conseqüentemente, o seu uso não deve ser arbitrário. Por outro, este facto denota falta de domínio de conjugação de verbos irregulares nos seus tempos simples, no caso de “perder”, na sua forma verbal “perca”.

E, nesse contexto, os falantes precisam de aprofundar o estudo da formação dos tempos verbais, sobretudo, os tempos simples, visto que estes tempos desembocam nos tempos compostos ou derivados, tal como sustentam Neto & Infante (2008), para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, é preciso que se tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Ainda, percebe-se que, uma vez que o radical do verbo “perder” é *perd-*, os os falantes tendem a seguir a forma deste, na sua conjugação, nos tempos do modo conjuntivo, e isso explica também por que o equívoco entre a forma verbal “perca” e o substantivo “perda” pelos falantes.

Considerações finais

O Português, como Língua segunda (L2), nos países de colonização portuguesa, tem-se apresentado com características diferentes, de região para região, através dos seus falantes. Essas características manifestam-se, principalmente na oralidade, estando esta Língua sujeita à mutações de nível fonético-fonológico, sintáctico, semântico, que se distanciam dos padrões da Norma Culta.

Em virtude dos resultados da pesquisa e em conexão com os preceitos apresentados nos LD's e nas diversas bibliografias arroladas neste artigo, foi possível obter conhecimento significativo sobre a temática em discussão, tendo, assim, auxiliado no entendimento e compreensão das razões do uso de “perca” em detrimento de “perda”.

Com base na pesquisa, foi possível perceber como o conceito de Semântica e os exercícios co-relacionados são articulados nos LD's de Língua Portuguesa, tanto que se verificou que os LD's de Língua Portuguesa abordam sobre conteúdos relacionados com a Semântica, contudo a tónica dos exercícios está relacionada com a sinonímia, antonímia, e não se aborda, com recorrência, sobre a paronímia.

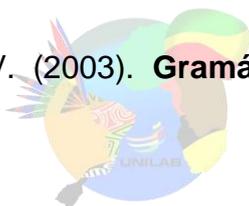
Desta feita, verificou-se que são várias as razões que estão por detrás desta problemática, destacando-se, por um lado, a falta de LD's com exemplos e exercícios claros e contextualizados, onde as palavras são empregues em situações e contextos concretos, e não abstratos; a não incorporação de conteúdos sobre as palavras parónimas nos Programas de Ensino e nos seus respectivos LD's de Língua Portuguesa, fato este que não permite que os professores abordem de forma completa e compreensível o conteúdo em sala de aulas; o fraco domínio da discriminação entre palavras homógrafas e parónimas por parte dos autores dos LD's, e conseqüentemente, os alunos não têm uma aprendizagem significativa sobre a matéria.

Por outro, associa-se a estas razões, o desleixo na projeção, concepção e implementação do Currículo de Ensino em Moçambique, não só isso, mas também se assume que o uso de “perca” em detrimento de “perda” pelos falantes está estritamente ligado à fraca leitura, e particularmente, o não hábito de leitura de Gramáticas e Dicionário de Língua Portuguesa, pois, sabe-se que o aprimoramento do funcionamento da língua só é possível através de leitura contínua desses materiais, sendo, portanto, o mecanismo eficaz para que os falantes possam ultrapassar as várias dificuldades ou equívocos relacionados com a Língua Portuguesa, no geral, e em particular, a questão em alusão neste artigo.

Portanto, seguindo essa linha de pensamento, associa-se também a estas razões, a interferência linguística, isto é, a convivência linguística que se verifica entre o Português e as línguas nacionais (as chamadas Línguas Bantu), línguas essas que, no âmbito de comunicação, acabam por interferir, de certa forma, na performance dos falantes, à medida que estes carregam os traços linguísticos dessas línguas, quer de nível sintático, quer semântico, este último influenciado pela cultura dos falantes.

Referências

- Bechara, E. (2009). **Gramática da Língua portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cavele, M. C.; Cuta, M. C. & Zimba, C. (S/d). **Aprender a Comunicar - 6ª Classe**. Maputo: Plural Editora.
- Cunha, C. F & Cintra, L. F. L (2017). **Nova gramática do português contemporâneo**. 7.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.
- Drumond, A. & Zimba, C. (2008). **Português para todos – 8ª Classe**. Maputo: ENM.
- Ferrarezi JR., C. (2008). **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Editorial.
- Figueiredo, O. M. & Bizarro, R. P. (2004). **Da Palavra ao texto**. Lisboa: Asas Editores.
- Henriques, C. C. (2012). **Fonética, fonologia e ortografia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Martino, A. (2014). **Português esquematizado: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva**. 3.ed. São Paulo: Saraiva.
- Monteiro, D. & Pessoa, B. (1999). **Guia Prático dos Verbos Portugueses**. Lisboa: Lidel.
- Neto, P. C. & Infante, U. (2008). **Gramática da Língua Portuguesa**. 9.ed. São Paulo: Scipione.
- Pinto, J. M. C. & Lopes, M. C. V. (2003). **Gramática do Português Moderno**. 4.ed. Lisboa: Plátano Editora.



Recebido em: 11/11/2022

Aceito em: 23/12/2022

Para citar este texto (ABNT): CHAHA, Bonete Júlio João. Uso de *perca* e *perda* pelos falantes do Português em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.140-155, jan. - jun. 2023.

Para citar este texto (APA): CHAHA, Bonete Júlio João (jan./jun.2023). Uso de *perca* e *perda* pelos falantes do Português em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1):140-155.